

dARQ – Departamento de Arquitectura

Faculdade de Ciências e Tecnologia

Universidade de Coimbra



De Leste a Ocidente: Duas Reconstruções

A reconstrução das cidades na Alemanha após 1945

Dissertação de Mestrado em Arquitectura
de
Ricardo Filipe Dinis Fernandes Martins Mendes

Orientada por Prof. Arq. Domingos Tavares

Coimbra, Junho 2009

À Alemanha

"...a destruição de uma cidade é uma grande calamidade, mas é também uma grande oportunidade"

Winston Churchill (1945)

Sumário

Sumário

<i>Introdução</i>	6
<i>“Reerguidos das Ruínas”</i>	8
<i>As Ruínas como Envolvente</i>	14
<i>Estratégias de Reconstrução</i>	19
<i>A visão para o Exterior – Arquitectura na RFA</i>	27
<i>Viagem a Moscovo – Arquitectura na RDA</i>	31
<i>Os Anos Cinquenta</i>	38
<i>O Movimento Moderno como Contestação ao Sistema</i>	45
<i>A Reconstrução da Antiga Dresden</i>	54
<i>Dresden e as Oportunidades de Reconstrução Após 1990</i>	66
<i>Chemnitz – Um exemplo alternativo de reconstrução a leste após 1990</i>	72
<i>Hannover nos anos do Pós-guerra</i>	80
<i>A Reconstrução de Hannover</i>	86
<i>A Reconstrução e o Urbanismo</i>	101
<i>A Reconstrução e a Carta de Atenas</i>	105
<i>A Cidade e a Memória</i>	113
<i>Epílogo</i>	117
<i>Anexos</i>	120
<i>Referências</i>	154
<i>Agradecimentos</i>	163

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES

Introdução

Introdução

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a maioria das grandes cidades da Alemanha que tinham sido alvo de processo de destruição progressiva, encontravam-se no estado de ruína total. A dimensão da devastação era tão desmotivadora que se pensou ora abandonar as cidades, ora reconstruí-las.

A reconstrução foi vista pelos arquitectos da época, como oportunidade de construir uma cidade nova, diferente da urbe industrial do século XIX odiada pelo Movimento Moderno.

A fundação de dois Estados alemães politicamente diferentes em 1949, influenciou necessariamente a política social e também a estratégia da reconstrução. A marca da modernização das cidades da República Democrática Alemã foi em geral muito mais profunda do que na República Federal Alemã. Enquanto que na RFA a reconstrução alterou sobretudo a linguagem arquitectónica do edificado, na RDA foi modificada a arquitectura e o próprio urbanismo em si.

Após cinquenta anos da reconstrução, as ideologias políticas e urbanísticas que guiaram a reconstrução das cidades a Ocidente e Leste da Alemanha, são claramente visíveis. Hannover, uma cidade que antes da sua destruição configurava uma cidade de carácter medieval, manteve em geral o traçado das ruas e praças mais importantes da cidade velha. Os arquitectos que trabalharam sobre os planos de Hannover procuraram restituir o mesmo carácter compacto da maioria dos quarteirões do centro, tendo estabelecido uma ponte entre novo e antigo. Em Dresden as ruínas da cidade antiga foram praticamente todas removidas, para a edificação de uma cidade totalmente nova sem memória dos espaços do passado. Enquanto que a aplicação dos princípios do urbanismo do Movimento Moderno nas novas urbanizações do centro de Hannover se revelou tímida, Dresden foi toda uma nova cidade edificada nesses princípios. A reconstrução do centro de Dresden transformou uma cidade industrial insalubre, numa cidade de vastos espaços verdes e bons acessos.

Após a Queda do Muro de Berlim, tem existido uma tentativa de recuperação e reconstrução das cidades alemãs de leste. Enquanto que em Hannover os recursos financeiros permitiram a concretização dos planos gerais de reconstrução, em Dresden as dificuldades financeiras inviabilizaram a conclusão da reconstrução do seu centro. Desta forma permaneceram até 1989 vastos terrenos baldios no centro das cidades da RDA. O preenchimento de tais vazios pela reconstrução de monumentos de zonas urbanas inteiras de Dresden tem constituído das maiores discussões urbanísticas desde 1945.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Vista sobre o centro de Dresden, 1945.

“Reerguidos das Ruínas”

“Reerguidos das Ruínas”¹

A Alemanha era um campo de destroços e entulho, quando as tropas de ocupação marcharam sobre as suas fronteiras no final da Segunda Guerra Mundial. “Isto é o pior, que eu aqui vivi” (Beyme, 1991)², descreveu um coronel americano aquando a tomada da cidade de Aachen. A quantidade de escombros foi estimada em cerca de 400 milhões de metros cúbicos para todo o território alemão. A nível estatístico isso seria equiparável a erguer um muro de dois metros de espessura e sete metros de altura à volta de toda a República Federal Alemã. 2,7 milhões de fogos foram totalmente destruídos e outros 1,3 milhões gravemente destruídos. Cidades como Dessau, Düren, Emden, Hanau, Kassel, Koblenz, Mainz, Pforzheim, Würzburg e Zweibrücken perderam quase três quartos das habitações totais.

Os fogos que restaram de pé, tiveram então que acolher 69 milhões de habitantes – a Alemanha perdera acima de 5 milhões de habitantes. 12 milhões desses 69 milhões, eram população germânica expulsa dos territórios orientais que vieram a ser ocupados pela República Popular da Polónia e pela União Soviética. As cidades destruídas eram campos de entulho: Colónia, uma cidade que antes da guerra contabilizava 750 000 habitantes, passava a ter apenas 40 000 habitantes em 1945. Para agravar a crise da falta de habitações, era de acrescentar o regresso dos prisioneiros de guerra dos campos americanos e ingleses, logo nos primeiros anos do pós-guerra.

Muitas das decisões de planeamento e alteração das fronteiras, foram ainda encontradas pelos Aliados antes do fim da guerra. – a perda da Prússia Oriental, Silésia e Pomerânia Oriental até à linha Oder-Neiße. A desmontagem de estruturas de produção e caminhos-de-ferro na zona de ocupação soviética, constituiu uma enorme desvantagem de desenvolvimento para a República Democrática Alemã, fundada em 1949. O acesso ao uso do carvão esteve neste tempo muito limitado. Se por um lado o Plano Marshall foi visto no Bloco de Leste como um passo de “escravização capitalista”, a ocidente esta ajuda de reconstrução foi definitivamente importante na rápida recuperação económica da Alemanha-Occidental, a chamada “Maravilha Económica”. Os créditos beneficiaram o programa de realojamento de refugiados assim como as urbanizações ECA (ECA = Economic Cooperation Administration). Naturalmente todo o programa de reconstrução foi ajudado por estas fontes de rendimento pontual.

Mais de cem arquitectos viam-se obrigados nesta época a construir com as

¹ Auferstanden aus Ruinen – Título do Hino Nacional da República Democrática Alemã.

² Hans Schmidt. A Reconstrução da cidade de Colónia. Colónia, 1946. pág.64.

condicionantes da poupança de áreas e do custo reduzido da obra. O pós- guerra na Alemanha, foi um tempo de urgência em assegurar as infra-estruturas e necessidades básicas: organização de bens alimentares, combustíveis de aquecimento e habitação, assentamento de condutas de água e canalização em geral, fornecimento de electricidade, a reparação de hospitais, escolas, pontes, estradas e linhas de caminho-de-ferro.

“A autolimitação não significa urgência e renúncia, quer dizer muito mais que isso, que tudo tem de ser dispendiosamente e necessariamente reconstruído, como era antes da destruição” (Beyme, 1991)³.

Tanto Otto Bartning como Wilhelm Wagenfeld afirmavam em linhas gerais, que a reconstrução das cidades deveria basear-se na estruturação clara das funções e na unidade entre o antigo e o novo, isto é uma reconstrução histórica se possível. Por outro lado Walter Dirks citou “a imagem das nossas novas cidades...vai ser não só mais económica, simples e objectiva que a antiga, como também mais digna, nobre, social e espirituosa, em curtas palavras: mais bonita” (Anna, 2009)⁴.

Em 1947, o realizador italiano Roberto Rossellini intitulou o seu filme rodado em Berlim “Germania, anno zero”. Naturalmente que o fim da ameaça da guerra e dos bombardeamentos anunciou uma viragem no rumo da história na Alemanha. A administração militar e assim como as primeiras administrações alemãs, prometiam democracia, direitos e deveres iguais para todos num novo recomeço. A nível de estruturas profissionais, não houve nenhum *anno zero*, nenhuma hora zero. Dominava a continuidade. Nos anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial, o gabinete de arquitectura Hentrich & Petschnigg foi um dos maiores sucessos que se desenvolveu na República Federal. Alguns arquitectos voltaram do êxilio por volta de 1946, outros mais tarde. Kurt Liebknecht regressou à Alemanha em 1948, de Moscovo Gerhard Kosel em 1954 e Richard Paulick em 1950 de Shangai.

Na ordem do dia das comissões de reconstrução estava a remoção das ruínas, a ordem de construção e a racionalização da habitação. Em Berlin, sucedeu a Hans Scharoun em 1946 Karl Bonatz, como responsável do departamento de obras públicas da cidade. Este arquitecto fora director e supervisor do departamento de construção de *bunkers* no Terceiro *Reich*. Com efeito, a maioria dos arquitectos e projectistas de sucesso do regime anterior, voltaram a ocupar lugares de importância no âmbito do planeamento urbano, sem que a maioria dos casos fosse muito notado. Em alguns edifícios construídos no fim da década de quarenta, era ainda clara uma expressão de monumentalidade, praticada por arquitectos outrora nacional-socialistas.

³ Jörg Friedrich. O Fogo. Alemanha na Guerra de Bombardeamento 1940-1945. Munique, 2002.

⁴ Walter Dirks. Coragem na Despedida. In Frankfurter Hefte 2 (1947) 8. pág. 827.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Paul Schmitthenner. Königin-Olga-Bau (Dresdner Bank). Estugarda, 1949-1955.

Exemplo disso é o Königin-Olga-Bau (Dresdner Bank), em Estugarda (1949-1955) projectado por Paul Schmitthenner. Este arquitecto foi suspenso das suas funções na Universidade Técnica, pela administração militar americana, devido à sua “dura lei de monumentalidade”. Como carreira privada, Schmitthenner teve ainda oportunidade de completar uma série de construções tradicionalistas, caracterizadas por decoração, cantarias e arcadas.

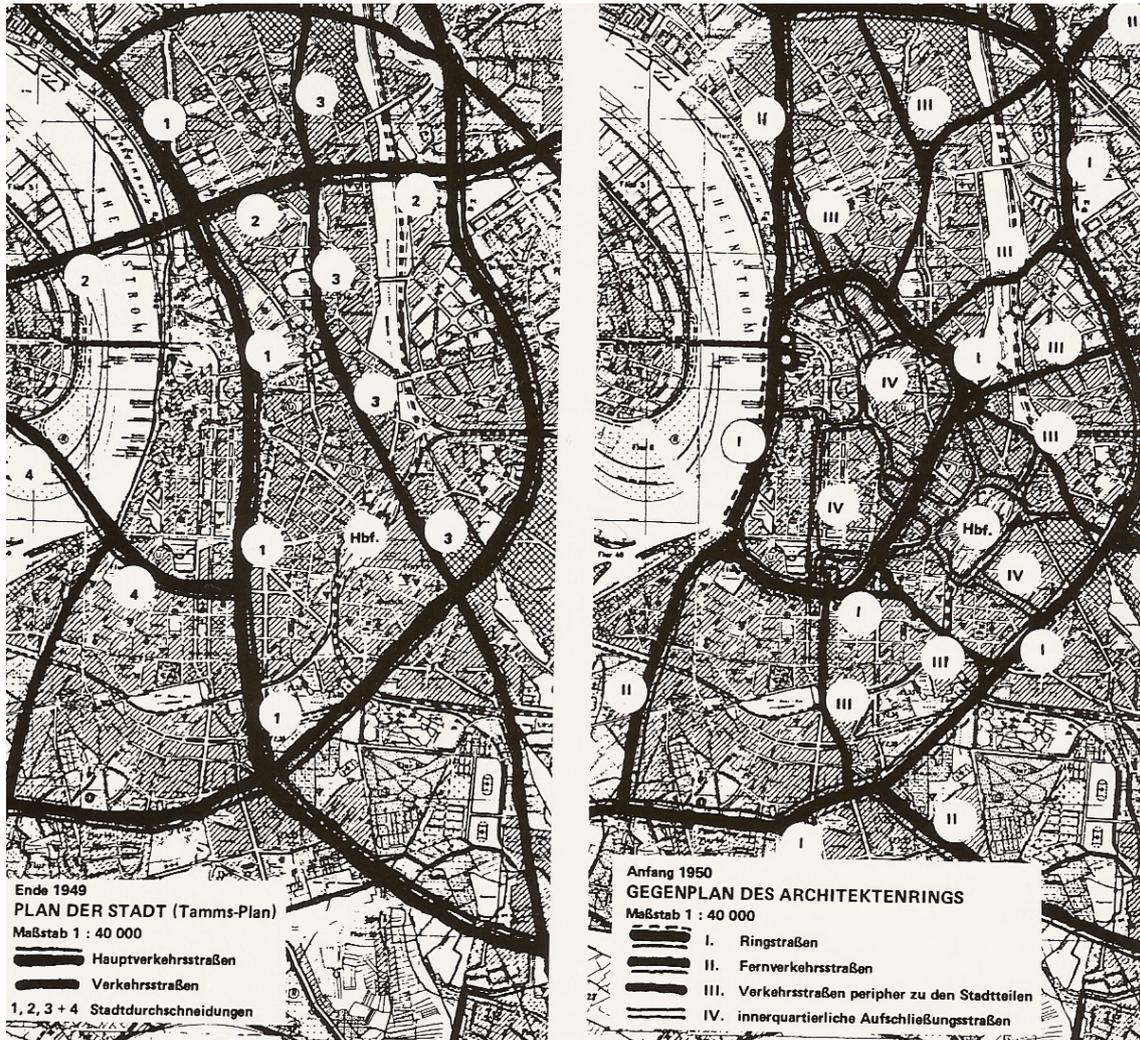
A reconstrução do pós-guerra foi evidentemente uma oportunidade dada aos projectistas, em reestruturar e melhorar o funcionamento das cidades. O círculo de arquitectos da *avant-garde* dos anos vinte foi um ponto de inspiração: A massa do trânsito deveria afastar-se do centro em duas vias circulares, a construção tornar-se menos compacta e oferecer zonas pedonais ao habitantes. A rede de estradas e vias mostra uma hierarquização dos fluxos de trânsito. Construção distribuída afastadamente e organizadamente, em vez de construção compacta em quarteirão; leveza em vez de pesado. Este era com efeito um passo em frente, que se distanciava dos “projectos bombásticos, orgias de decoração fantasiosa, arquitectura de Albert Speer, chancelerias compactadas e maciças, frisos...” (Beyme, 1991)⁵.

No decorrer dos anos cinquenta, cita-se Düsseldorf como uma das cidades da Alemanha com mais avanços urbanísticos: ruas alargadas mais favoráveis ao trânsito pontuadas com os primeiros edifícios desenvolvidos em altura.

Nos primeiros anos do pós-guerra é dada a impressão de libertação à população em geral. O novo planeamento do centro das cidades fora uma ambição de outras gerações anteriores, sempre impedido pela proibição de construir novo particularmente no delicado centro histórico. No que toca à intervenção sobre o direito dispositivo individual, o abandono da lei de construção urbana, foi extensamente praticado a partir de 1950 na República Democrática Alemã. Num regime político em que a especulação imobiliária não tinha qualquer papel, o Estado do proletariado teve à sua total disposição o domínio do solo. Enquanto as consequências desta política não eram evidentes, os arquitectos ocidentais invejavam os seus colegas do lado oriental, pela sua oportunidade de intervenção. Pelo menos esta possibilidade permitia a construção residencial sustentável no centro das cidades orientais, enquanto que o uso do solo para alto rendimento no centro das cidades ocidentais, dificultava muito a edificação residencial. Grandes empresas imobiliárias e comerciais absorveram estas propriedades individuais para a edificação das suas próprias sedes e lojas.

O alargamento das ruas das cidades da República Federal trouxe um novo problema sobre o real valor do solo expropriado. Ao rasgarem-se ruas mais largas e com infra-estruturas melhoradas, naturalmente que o valor incidido sobre cada

⁵ Bernhard Pfau. *Arquitectura na Imprensa Diária*. In *Neue Bauwelt* 3 (1948) 31. pág.491.



Reordenamento da cidade de Düsseldorf. Fim de 1949. Projecto: Friedrich Tamms, Departamento de Obras Públicas. Contra-projecto: Josef Lehmbruck. Início de 1950.

parcela aumentou. Que indemnização pagar ao proprietário, o valor antes ou depois da expropriação? Na maioria dos casos o valor pago foi o mais baixo, o que gerou uma onda de insatisfação. Por outro lado o valor da indemnização paga pelas autoridades da RDA aos proprietários, foi para todos igual mas mais alto. As autoridades mais injustas da RFA, justificaram-se no facto que não teria sido possível pagar a todos os proprietários o valor mais alto.

Depois da fundação, em 1949, dos dois estados alemães que iriam co-existir no pós guerra – primeiro a República Federal da Alemanha, reunindo os sectores ocupados pelos Aliados ocidentais (Grã-Bretanha, França e Estados Unidos da América), depois a República Democrática Alemã, a partir do sector soviético -, os arquitectos viram-se confrontados com a difícil tarefa de desenvolver diferentes formas de representação para cada um dos estados. As construções de maior exposição pública tinham sobretudo de se destacar das do outro lado. Enquanto a Alemanha Federal contou com a arquitectura monumental típica do desaparecido Terceiro Reich, para sublinhar simbolicamente o recomeço, a RDA julgou ser capaz de prolongar formalmente as linhas de construção tradicionais, dando-lhes um novo conteúdo, justamente devido à sua radical mudança de sistema político. Tanto no Ocidente como no Leste, a necessidade de afirmação da soberania e de um recomeço marcado pela modéstia opôs-se a uma orientação directa pela arquitectura representativa das potências vitoriosas.

Na medida em que a República Federal da Alemanha se reivindicada como a única representante legítima da Alemanha e que a República Democrática Alemã não era reconhecida como estado soberano pelos países ocidentais, esta última tinha escassas oportunidades de representação fora do seu território. Teve por isso de se limitar a algumas embaixadas construídas nos países do Pacto de Varsóvia, à internacionalmente bem sucedida Feira de Leipzig e à apresentação em pequenas feiras internacionais. A RFA, pelo contrário, podia apresentar-se com pavilhões espectaculares nas grandes exposições universais – por exemplo, Bruxelas 1958 ou Montreal 1967 – como a nova e democrática Alemanha. Para além disso, um grande número de novas representações diplomáticas foram construídas em todo o mundo.

Nos primeiros anos do pós-guerra dominou, em paralelo nos dois estados alemães, uma tendência arquitectónica que nem rejeitava toda a modernização nem queria romper com as tradições regionais e nacionais. Em vez de uma renovação formal radical, o seu objectivo é recuperar imagens de memória de lugares familiares, perdidos durante a guerra, que todavia não restaura segundo os moldes da recuperação fiel do património, mas antes procura recriar numa adaptação livre das tipologias históricas. Na República Federal da Alemanha isto é sobretudo típico

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Otto Apel, Rudolf Lechota, William Roher, Martin Herdt. Embaixada dos Estados Unidos da América, Bona-Bad Godesberg, 1950-1951.



Anatoli J. Stryshewski, Friedrich Skujin, D. D. Lebedinskij, Sichert. Embaixada da União Soviética, Berlim-Mitte, 1948-1951.

da Escola de Estugarda, que apesar de ter gozado de uma grande popularidade inicial, em breve se veria atacada pela sua demasiada proximidade tanto aos modelos arquitectónicos nacional-socialistas como à arquitectura da República Democrática Alemã; neste sentido, teve de ceder a uma modernidade “democrática”, fortemente orientada pelos modelos escandinavo e norte-americano. Na RDA, a primeira década da reconstrução ficou marcada pelas grandes obras típicas do Nationales Aufbauwerk [Trabalho de Reconstrução Nacional], inspiradas no neo-clacissismo soviético e nos motivos regionalistas.



Crianças nas ruínas, Colônia, 1956.

As Ruínas como Envolvente

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



O Residenzschloss em Dresden no tempo da RDA, por restaurar em 1980.



O Residenzschloss em Dresden, do mesmo ponto de vista em 2007.

As Ruínas como Envolvente

Ninguém que outrora se abrigara nos *bunkers* anti-aéreos, e que agora partilhava o apartamento com mais pessoas poderia imaginar as modificações que se iriam seguir nos próximos anos. Nos anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial, os habitantes da Alemanha atravessaram um período de dificuldades físico-sociais, que terminavam na sua própria alimentação racionalizada: 7,1 gramas de matéria gorda e 357 gramas de pão por dia (Beyme, 1991)⁶. Em várias cidades como Dresden, os escombros foram removidos na sua maioria por mulheres e idosos, uma vez que os homens ainda se encontravam em campos de prisioneiros de guerra ou tinham sido mortos em combate. Vários monumentos foram erguidos em homenagem às “Mulheres dos Escombros”. Calcula-se que cerca de 5% dos escombros tenham sido removidos “à mão” com auxílio de pás e picaretas, como “Serviço de Honra” a ser prestado. O resto foi sendo removido com *bulldozers*, tapetes rolantes e por caminhos-de-ferro assentes provisoriamente ao longo das cidades para esse efeito. No início dos anos cinquenta a maioria das cidades germânicas já se encontravam limpas de ruínas.

O depósito dos escombros em pontos ora na periferia das cidades, ora em parques ou perímetros desportivos, criou em muitos casos paisagens artificiais. Ao longo dos anos consequentes, a vegetação foi cobrindo as colinas de entulho e consolidando as mesmas paisagens artificiais. Em Dresden foram criadas colinas artificiais ao longo das margens do rio Elba, e em Munique as colinas artificiais provenientes da guerra tornaram-se mais tarde na base de construção do Parque Olímpico desta cidade.

A catástrofe da destruição da guerra atingiu profundamente os habitantes das cidades alemãs, que se viram confrontados com uma crise de identidade. Dresden, Chemnitz, Hamburgo ou Berlin foram cidade que se modificaram totalmente no seu espaço urbano. Por exemplo, logo em 1945 foram tomadas medidas para reconstruir o palácio barroco *Zwinger* em Dresden. Nesta ,mesma cidade foi sendo reconstruída ainda ao longo dos anos cinquenta a *Hofkirche* e em 1985 a *Semperoper*. Pela falta de fundos públicos para reconstruções no Estado da República Democrática Alemã, a reconstrução da *Frauenkirche* e do *Residenzschloss* teriam de esperar até depois da Queda do Muro de Berlim. Ora pela falta de fundos ora por ideais políticos, muitos dos edifícios arruinados da guerra foram demolidos indevidamente em ambas as Alemanhas. Uma das decisões mais polémicas do chefe de Estado Walter Ulbricht⁷

⁶ Distribuição de bens alimentares em Munique em Março de 1947 – 1075 calorias por dia – Arne Andersen. O Sonho de uma Vida boa. História do Dia-a-dia e do Consumo desde o Milagre Económico até hoje. Frankfurt am Main, 1997. pág. 22

⁷ Presidente chefe do Partido Comunista SED, líder da RDA entre 1950 e 1971.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Vista sudoeste sobre as ruínas de Dresden, tirada a partir da torre da câmara municipal, 1945.



A mesma vista fotografada dez anos mais tarde.

foi a ordem de demolir o enorme palácio *Stadtschloss* do centro da cidade. Em 1950, ano da sua demolição, o palácio real dos *Kaiser* encontrava-se em grande parte carbonizado, mas reutilizável e reconstruível. Apesar dos protestos internacionais, era de máxima prioridade eliminar este símbolo de imperialismo prussiano para dar lugar a uma praça para o Povo. Dez anos mais tarde o *Stadtschloss* de Potsdam teve o mesmo destino. Ainda assim foram reconstruídos numerosas estruturas culturais em torno da avenida *Unter den Linden* em Berlim:, o Gendarmenmarkt e Fórum Friedricianum no qual se inclui a ópera. Esta foi reconstruída com base num estado presumivelmente primitivo, tendo sido completado por um bloco de administração e recepção.

A famosa fotografia tirada do cimo da Câmara Municipal de Dresden em 1945, mostra uma figura alegórica feminina, como um anjo denunciando a cidade em ruínas que se vê em segundo plano. Anos mais tarde o mesmo ponto de vista é fotografado, mostrando uma cidade totalmente vazia, apenas com a mera demarcação das ruas no solo. Muitas das fachadas poderiam ter sido mantidas como base de uma reconstrução. As convicções das Autoridades da RDA, obrigavam a uma remoção radical das ruínas, que só assim permitiriam uma

reconstrução efectiva como novo começo. A cidade para o Homem novo, construída sobre o vazio sem história nem memória da tábua rasa.

O destino de muitos edifícios e monumentos em geral dependeu portanto dos preconceitos e convicções dos políticos locais. O *Schloss* de Braunschweig foi demolido, e o *Schloss* de Estugarda esteve muito perto de ter o mesmo destino. A lista de edifícios que a este e oeste se poderiam ter salvo é imensamente grande. “Reconstrução? Digo-lhe que isso não é nem tecnicamente nem economicamente possível; o que digo eu? Espiritualmente impossível!” (Beyme, 1991)⁸, contava-se como o discurso comum dos arquitectos do movimento moderno. “O património não deve ser historicamente reconstruído, apenas pode existir com novas formas para novas funções”⁹. “Risquemos claramente o passado e o seu fim inglório” (Beseler, 2000)¹⁰.

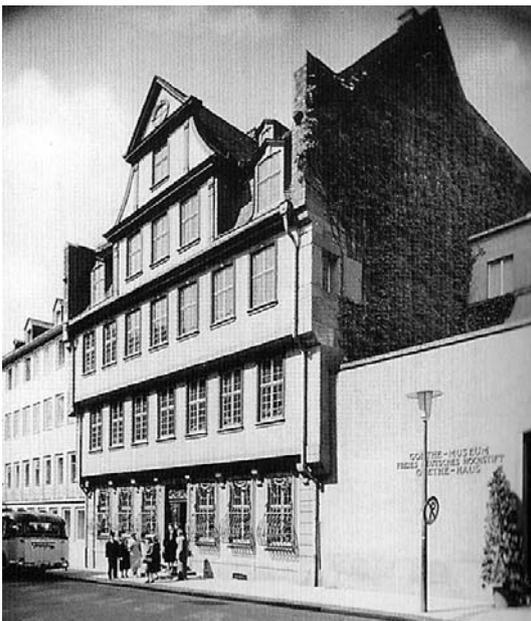
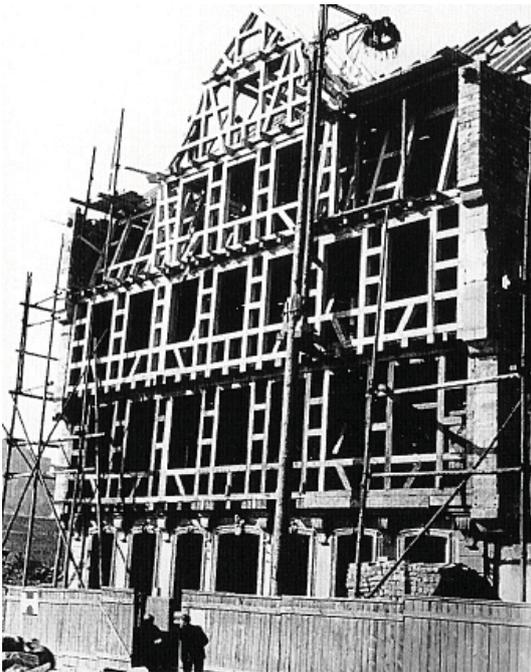
Contudo a maioria dos oradores estava unida com o público em geral, em que o grande património tinha de ser preservado. Poucos habitantes eram pela remoção das ruínas, e conservavam uma opinião contrária à maioria dos arquitectos, em a reconstrução exacta e fiel ao passado era possível. Algo entre a conservação da ruína e a protecção interpretativa do património, em diálogo com a contemporaneidade

⁸ Otto Bartning. Pensamentos hereges à volta do Entulho. In Frankfurter Hefte 1 (1946) 1. pág. 64

⁹ Um Apelo. Desafios Básicos. In Hefte für Baukunst und Werkform (1947) 1. pág. 29.

¹⁰ Ernst May por ocasião da reconstrução de Frankfur am Main. Uma conversa com o projectista. In Frankfurter Rundschau (emissora de rádio), 19.2.1949.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Goethe-Haus - Reconstrução da sua casa de família. Frankfurt am Main, 1945, 1949, 1960.

de então. Konrad Adenauer achava as considerações dos intelectuais demasiado complicadas, e chamou à atenção para começar finalmente, em vez de se reflectir milhares de vezes “se se pode e se deve, ou se não se pode e não se deve” (Beseler, 2000)¹¹.

Entre 1947 e 1951 a reconstrução da casa de nascimento de Goethe em Frankfurt am Main, moveu a nação alemã. Apenas algumas paredes de empena e do rés-do-chão assim como uma parte da escada tinham sobrevivido ao fogo dos bombardeamentos da guerra. Acima de tudo os críticos colocaram a questão da verdade moral. Não era a cópia uma mentira? Não se queria fazer parecer algo que tinha realmente acontecido? Não seria prejudicial apagar a ideia que aquela casa original tinha sido totalmente destruída? Não deveria ter esta casa destruída o mesmo lugar na história que o campo de concentração de Auschwitz? Não teria a sua dura lógica, o facto desta casa estar afundada em escombros? No caso da *Goethehaus* os argumentos no sentido de ser reconstruída ganharam avante.

A reconstrução da Paulskirche em Frankfur am Main já não teve uma discussão tão acesa, uma vez que a sua reconstrução em 1948 pretendeu comemorar os cem anos de jubileu, do primeiro parlamento livre alemão que aí se reunira pela primeira vez.

Em numerosos outros locais por toda a Alemanha, foi escolhida uma terceira opção: preservar a ruína, como um monumento. Como exemplos podemos enumerar a *St. Nikolai Kirche* em Hamburgo, a *Halle der Aegidienkirche* em Hannover, a *Frauenkirche* em Dresden (até 1990), a *Lutherkirche* em Kassel, e finalmente o exemplo mais conhecido de Berlim: a *Kaiser Wilhelm-Gedächtniskirche*¹². Ao lado da torre arruinada desta igreja, foi construída uma nova igreja (1956-61) pelo arquitecto Egon Eiermann. Curioso é que nas duas primeiras fases do concurso, deixar uma das partes da igreja destruída como monumento não era uma opção. O objectivo era portanto deixar um monumento visível, que pretendia lembrar os autores e as vítimas da guerra.

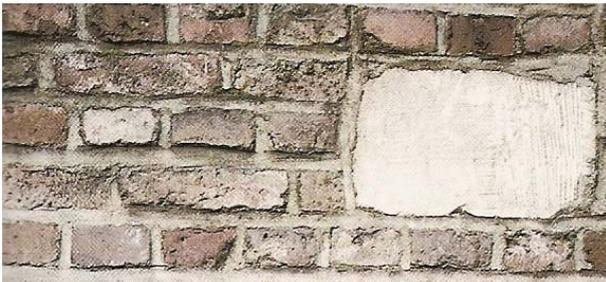
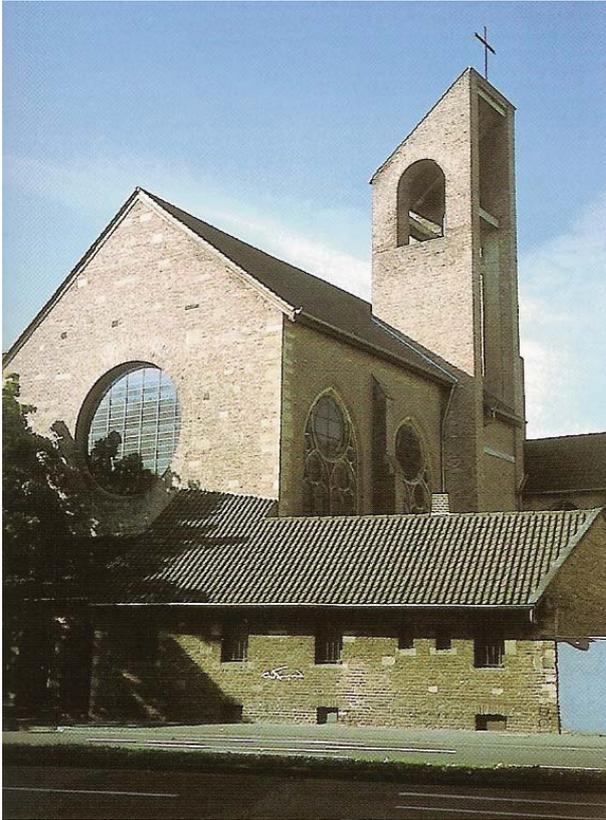
A ordem era remover as ruínas das ruas das cidades, mas para alguns arquitectos e donos de obra, a reutilização de ruínas e pedras recolhidas dos destroços não era um obstáculo à construção. Reutilizar tijolos recolhidos das ruínas, não era construir com um material barato, mas sim reconstruir com um material que contava a sua própria história. “ A reutilização dos materiais está para a

construção do novo, o qual provavelmente sem estes restos não seria edificado tão vivamente. A nova vida alcança-se de certo modo sobre restos, não dependente

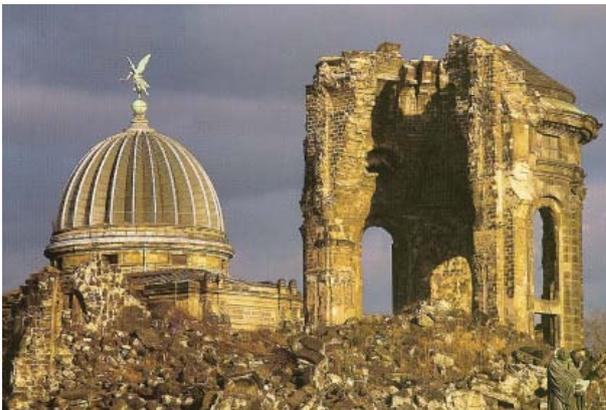
¹¹ Sociedade para a Cultura Cristã. Igrejas em ruínas. Colónia, 1948. pág. 210.

¹² Igreja da Memória do imperador Wilhelm

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Emil Steffann. Reconstrução da igreja franciscana St. Marien, Colônia, 1950-1952. Detalhe da alvenaria.



Ruína da Frauenkirche, Dresden, 1991. À esquerda a cúpula da Academia de Belas Artes de Dresden.

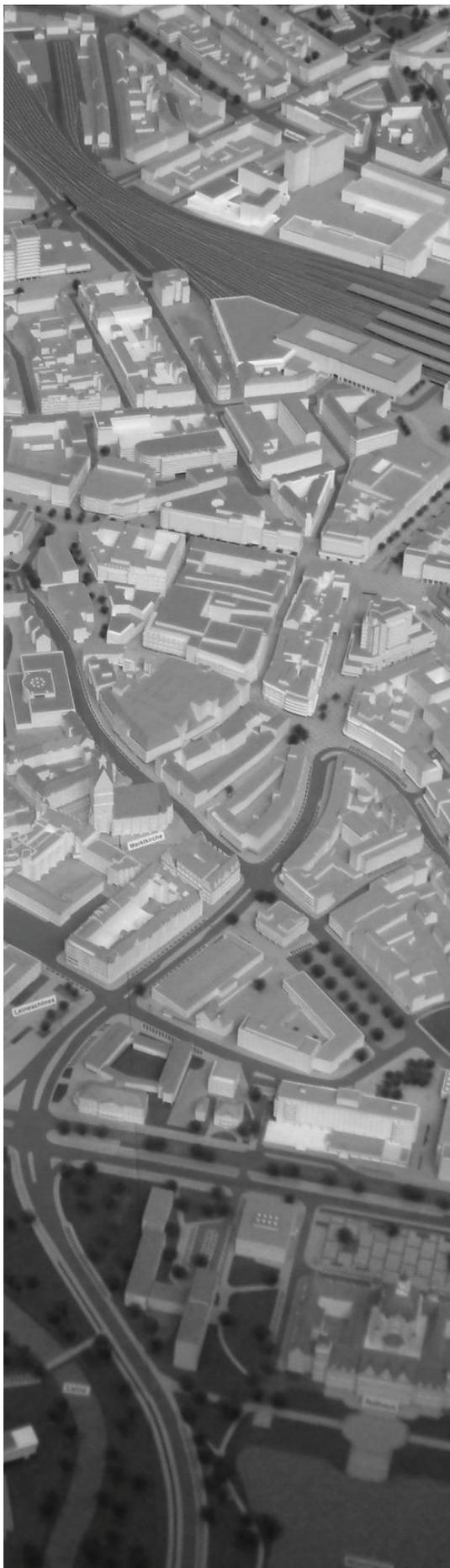
destes, mas numa liberdade total” (Eckhardt, 2001)¹³ As pedras cheias de cicatrizes de guerra, partilhavam a mesma superfície da estrutura do novo edificado, num jogo de cor e textura. Os antigos materiais não pretendiam introduzir decoração, mas sim a memória, sobre a qual se traduzia a nova sociedade. A nova sociedade que aprendera a gostar e explorar a riqueza das superfícies parcialmente destruídas e esburacadas, em vez do material absolutamente limpo e novo.

Pedra retirada de ruínas foi especialmente utilizada pelo seu significado sacramental, na reconstrução de novas igrejas sobre as antigas igrejas que muitas vezes estiveram no mesmo lugar. Esta era a representação da História da Paixão da Humanidade. A igreja franciscana na *Ulrichsgasse* em Colónia é um bom exemplo disso mesmo. Grandes blocos de calcário da igreja antiga, foram reutilizados a par dos novos muros de tijolo da nova igreja.

Por um lado este aspecto de preservar uma ruína como monumento-memória, remete para o gosto e o romantismo das “bonitas” ruínas muitas vezes construídas artificialmente nos parques ingleses do século XVIII. A ruína da *Frauenkirche* em Dresden, foi-se cobrindo com vegetação até 1990, conferindo uma conotação romântica à ruína, à qual os habitantes da cidade se habituaram. Em 2005, ano da concretização da sua reconstrução, a catedral reconstruída era uma novidade para a maioria das gerações mais recentes.

¹³ Emil Steffan. 1943 In: Gisberth Hülsmann. Emil Steffan. *Arquitectura e Protecção do Património* 18. Düsseldorf, Bonn, 1981. pág. 38.

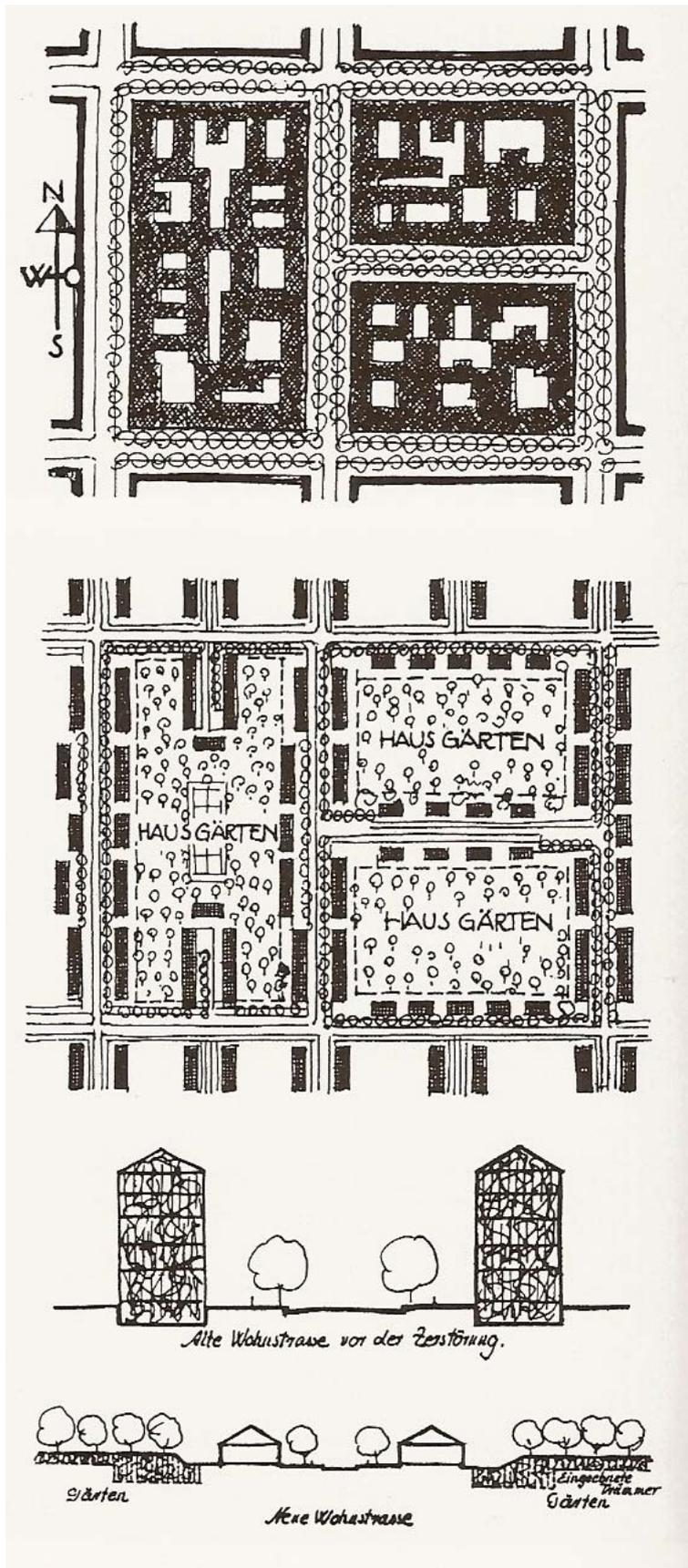
DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Maqueta de Hannover na actualidade, exposta na Câmara Municipal de Hannover.

Estratégias de Reconstrução

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Max Taut. Berlim em Construção, 1946. Modelo de reconstrução para Berlim baseado numa cidade jardim de baixa densidade e com reaproveitamento dos montes de entulho provenientes das ruínas para plantar espaços verdes.

Estratégias de Reconstrução

A visão das cidades destruídas era tão desencorajadora, que os pensamentos mais comuns, determinavam o abandono das montanhas de entulho, deixando que a natureza se encarregasse de cobrir tudo com vegetação, e edificar as cidades de outrora num outro lugar. Exemplos destes casos enumeram-se Berlin, Dresden, Frankfurt an der Oder, ou mesmo Würzburg. Hannover deveria ser novamente fundada no sopé dos montes Deister, e Munique em redor do lago Starnberg. Desde o início estas reflexões revelaram-se claramente ilusórias, uma vez que apesar de arruinadas, as cidades conservavam milhares de Marcos no seu solo em infra-estruturas: carris de eléctrico, canalizações de água, gás e telefone, cabos eléctricos e infra-estruturas de metropolitano em Berlim. O estado da economia do pós-guerra, não permitia que estas estruturas pudessem ser ignoradas.

Em 1946, Max Taut (Anna, 2009)¹⁴ começa por sugerir a reconstrução de Berlim, baseada na substituição do quarteirão compacto, pela tipologia de quarteirões menos densos, preenchidos no seu interior por flora – a cidade jardim. Um dos aspectos vantajosos imediatos desta teoria, era o facto de não ser necessário remover muitos dos escombros, uma vez que os jardins iriam crescer no interior dos quarteirões, sobre as ruínas aí depositadas. Estes jardins deveriam ser a representação do Homem novo, que viveria com melhores condições de salubridade, saúde e contacto com a natureza. Esta estratégia de reconstrução foi sendo aplicada massivamente durante as décadas que sucederam a Segunda Guerra Mundial, nas duas Alemanhas.

De acordo com Martin Wagner, seriam necessários trinta anos a um ritmo económico dos melhores anos da República de Weimar, para que cada família alemã viesse a receber uma casa depois da guerra (Beyme, 1991)¹⁵. No ano de 1950, faltavam em toda a Alemanha cerca 4,8 milhões de fogos. Berlin – Ocidental e o Estado de Saarland, não se incluíam nesta estimativa.

Enquanto a matéria prima ou as máquinas ou os fundos financeiros não estavam disponíveis, foi necessário improvisar lugares habitáveis. Edifícios parcialmente destruídos foram temporariamente reparados, assim como estruturas subterrâneas, sótãos e antigos *bunkers*. Até ao final dos anos cinquenta nas cidades de ocupação britânica, os habitantes foram provisoriamente alojados nos abrigos militares *Nissen Hut*. Este era um abrigo semicilíndrico, construído com chapas metálicas caneladas. As estrutura interna poderia consistir de madeira ou aço, e as extremidades do abrigo eram preenchidos com alvenaria, nas quais se rasgavam portas e janelas. Para

¹⁴ Berlin em Construção (1946). Álbum de fotos e desenhos como manifesto.

¹⁵ Martin Wagner. Escala, Coragem e Mestria. In: Baurundschau 38 (1948) 1-2. pág. 4.

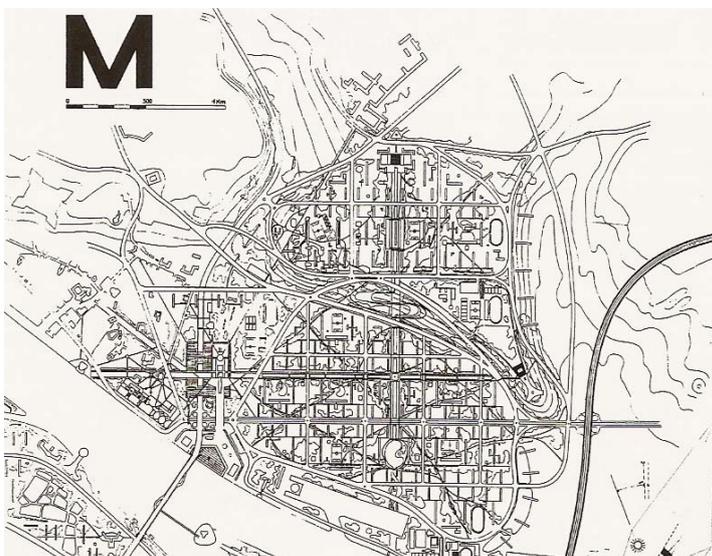
DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Hanns Hopp. Dresden. Esquiços para um novo panorama da cidade. In: Estudo para a reconstrução de grandes cidades alemãs, exemplo Dresden. 21.6.1945



Gustav Hassenpflug. Projecto de concurso para a reconstrução da cidade velha de Nuremberga. 1948.



Marcel Lods. Plano geral para Maiz. 1946. Desenho de Adolf Bayer.

completar o dia-a-dia de sobrevivência, os habitantes destes abrigos tinham de se dedicar parcialmente à agricultura e à criação de gado de pequeno porte.

Enquanto a matéria prima era escassa e se começou a recorrer a barro, projectistas como Le Corbusier sugeriam estratégias de reconstrução grandiosas e radicais. As antigas cidades consolidadas tinham sido sempre uma barreira a construir uma cidade moderna. Após uma guerra de bombardeamento estratégico à zona, esta possibilidade estava finalmente aberta. “Quando um dia, o novo centro da cidade estiver concluído, então as nossas cidades terão uma melhor imagem de ordem, que nós esperamos também atingir a nível social e económico” (Beyme, 1991)¹⁶.

Até 1949, ano da fundação das duas repúblicas alemãs, as propostas de reconstrução eram muito semelhantes: a cidade construída do zero “Tábua Rasa”, é proposta tanto para Frankfurt am Main como Magdeburg, Hamburgo ou Dresden. Nos anos iniciais os projectos em estudo andavam em torno de torres habitacionais em verde urbano, ruas “corredor” auto-estradas urbanas tudo orientado segundo a circulação do tráfego. À imagem exemplo americana, uma cidade só poderia prosperar com o crescimento do seu tráfego automóvel urbano. Os planos eram estabelecidos contando com a possibilidade do uso individual do automóvel a partir de uma distância de duzentos metros, como nos Estados Unidos da América.

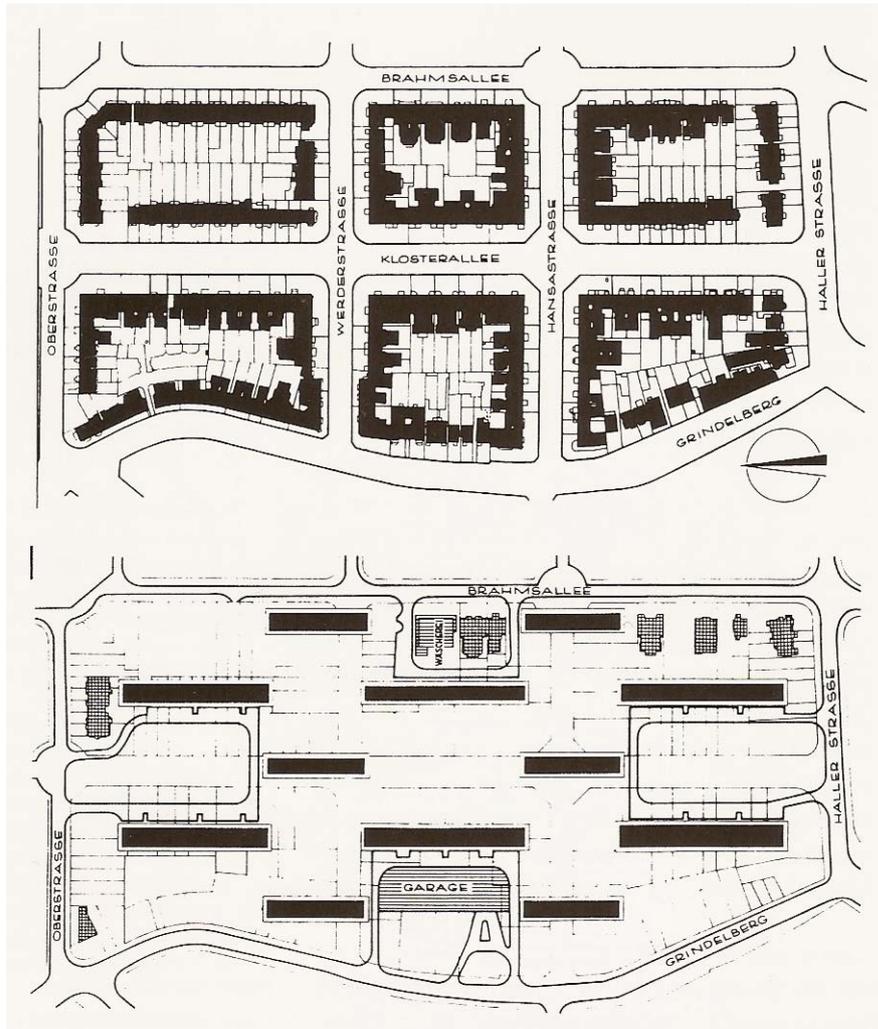
Para a história, não restaria muito lugar. Em Dresden, os planos de reconstrução iniciais, mostravam a substituição da malha urbana por uma disposição de torres habitacionais cruciformes, distribuídas ao longo de um verde urbano preponderante. Assim como na *Ville Contemporaine*, não faltariam neste plano a existência de obeliscos ao longo da cidade. O “ódio” à cidade antiga e à sua história ingloria, reflectia-se na concepção dos espaços urbanos nestes planos: o dinamismo mínimo entre volumetrias e a erradicação de ruas e eixos de ruas antigas.

Naturalmente foi na zona de ocupação francesa, que se mais fez sentir a presença de Le Corbusier e dos seus projectos urbanos. Em 1946 Marcel Lods propõem um projecto de reconstrução radical para a cidade de Mainz, a cidade-capital da zona de ocupação francesa. O antigo centro histórico seria parcialmente abandonado, e a nova cidade moderna edificada mais a norte em torno do porto. Uma rede de auto-estradas e avenidas urbanas, deveriam dar acesso ao edificado concentrado em altura e disposto em volumes semelhantes a barras. A influência das ideias e tipologias de Le Corbusier neste projecto foi muito clara. Em 1946 Le Corbusier ainda não pudera ter completado nenhuma *Unité d’Habitation*.

Se por um lado a cidade antiga de Mainz não despertava qualquer interesse em Marcel Lods, por outro a visão da sua cidade ideal ausente de identidade histórica

¹⁶ Hanns Hopp. Estudo sobre a reconstrução de grandes cidades alemãs: exemplo Dresden. 1945. Citação de Gabriele Wiesemann. Hanns Hopp 1890-1971. Schwerin, 2000. pág. 128.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Equipa de arquitectos: Bernhard Hermkesm Rudolf Jäger, Rudolf Ladders, Heinz-Jürgen Ruscheweyh, Albrecht Sander, Ferdinand Streb, Fritz Trautwein, Hermann Zess. Grindelhochhäuser. Hamburg-Harvestehunde, 1946-56. Planos antes e depois da construção do novo bairro.

representava o horror para a maioria dos seus habitantes.

Em Hamburgo as autoridades britânicas planeavam radicalmente o futuro desta cidade, como se do seu próprio território se tratasse. Uma equipa de arquitectos alemães projectou em 1946 as *Grindelhochhäuser*, uma “Manhattan” de doze blocos habitacionais desenvolvidos em quinze pisos de altura. Esta foi uma alteração total no espaço urbano de seis quarteirões urbanos transformados num complexo só. Onde anteriormente estiveram edificados edificios unidos em parcelas com pátios interiores onde mal entrava a luz, a nova urbanização dos anos quarenta veio introduzir aqui uma escala totalmente diferente, a escala das mega estruturas. Alguns dos blocos foram construídos sobre antigas ruas existentes. O verde urbano que invade o espaço entre os edificios lembra os projectos das cidades ideais imaginadas por Le Corbusier. Os arquitectos do movimento moderno propunham-se ser os “médicos” e “higienistas” que se preocupavam com a sociedade contemporânea de então. Como Le Corbusier chamou de *joies essentielles*, a vida devia desenrolar-se no jogo entre a luz e do verde. O indivíduo deveria ter a oportunidade de gozar de um horizonte livre, do silêncio e do cantar dos pássaros. “Sol, céu e árvores também devem constituir a nossa existência” (Beseler, 2000)¹⁷. A nova cidade não deveria ser apenas cidade, mas também paisagem: paisagem urbana “com a sua composição e representação de espaço verde aberto e definida por formas espaciais aparentemente livres no terreno” (Beyme, 1991)¹⁸.

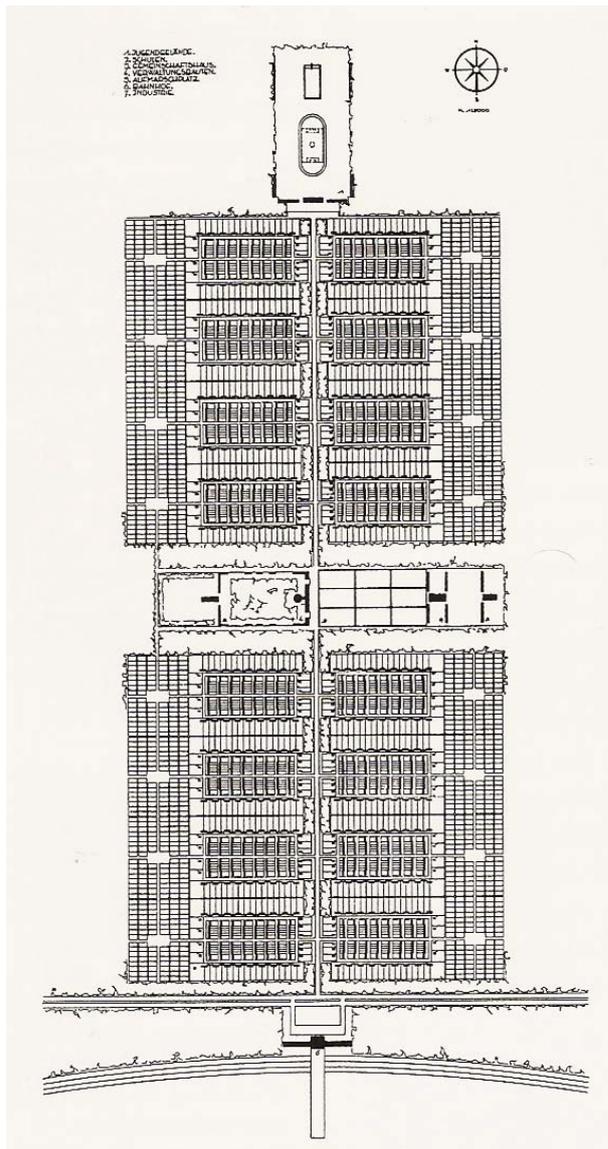
O tema dos verdes urbanos alternados com construção, já herdava uma longa tradição desde os anos trinta. Na República de Weimar as grandes urbanizações desta época faziam uso espaço verde como elemento de ordenação e congregação das comunidades urbanas. Com efeito os corredores verdes que uniam as cidades dos subúrbios eram um poderoso método de ordenamento do território e controlo de massas. Assim como Karl Marx e Friedrich Engels questionavam, porquê separar cidade e paisagem? Porque não reconciliar os dois elementos num só?

Tantos os projectos como as urbanizações efectivamente construídas no pós Segunda Guerra Mundial, reflectiram a influência dos *Siedlung* de Ernst May e Bruno Taut construídos trinta anos antes. Um dos grandes modelos, fora a construção do *Hufeisensiedlung* em Berlim-Britz, no tempo da República de Weimar. O desenho da urbanização ficara a cargo de Martin Wagner e Bruno Taut, enquanto que o desenho dos edificios propriamente ditos apenas de Bruno Taut. Em comparação com a *Siemensstadt*, este complexo tinha um carácter mais suburbano com edificios de três pisos e terraços. Taut e Wagner preferiram a produção industrializada dos edificios,

¹⁷ Hermann Henselmann. Projecto do Edificado. In. *Aufbau 2* (1946). Pág. 778

¹⁸ Hans Bernhard Reichow. *Arte Urbana Orgânica. Da Grande Cidade à Paisagem Urbana*. Braunschweig, 1948. pág. 209

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Hans Bernhard Reichow. Esquema para uma cidade de 20 000 habitantes. 1941.

que embora tivesse sido na altura mais cara, permitiu que a construção tivesse sido terminada mais cedo. As plantas eram estritamente estandardizadas, num total de quatro variantes que foram aplicadas a mais de mil fracções. Devido ao esquema de cores vivas, dos formatos de janelas variados, dos jardins de rua e das entradas alternadas, esta arquitectura estava longe de ser monótona. Bruno Taut criara ruas curvas para obter impressões variadas, que culminavam no bloco central em forma de ferradura. Entre 1925 e 1933, Bruno Taut construiu mais de 10 000 apartamentos, o que o tornou no verdadeiro pioneiro da habitação social na Europa.

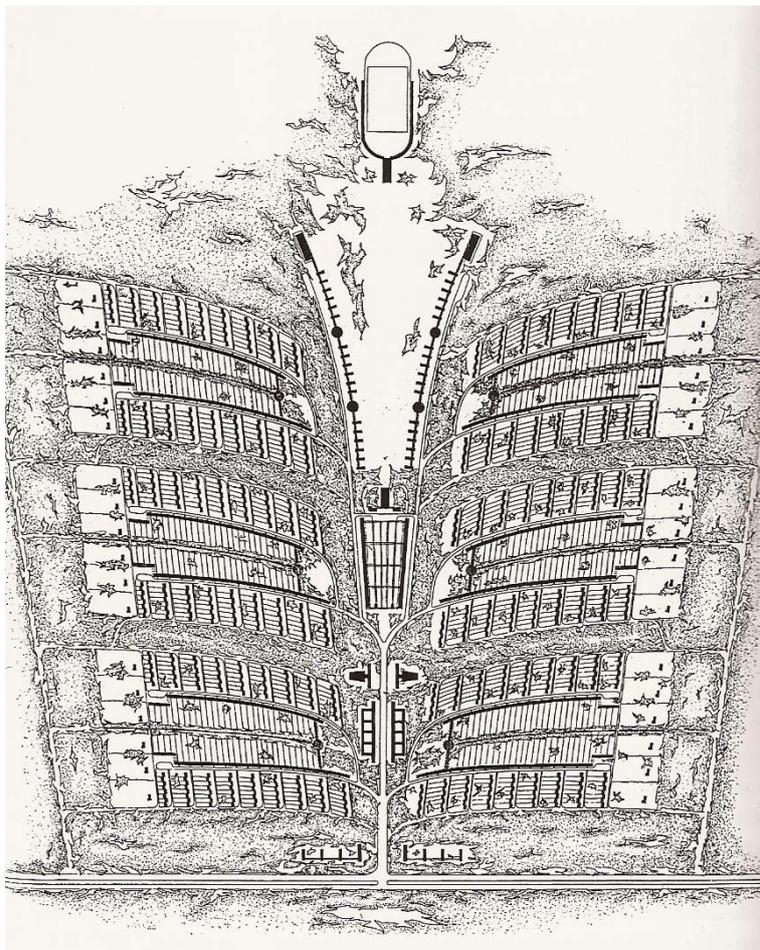
Após a Segunda Guerra Mundial os projectos de planeamento urbano tanto a oeste como a este, reflectiam também influências de obras escritas na República de Weimar e no período do Nacional-Socialismo. A urbanização num verde “ilimitado” era abordada já na obra *A Cidade Estruturada e Distendida* (Anna, 2009)¹⁹ dos urbanistas Hubert Hoffmann e Johannes Göderitz. Apesar desta obra poucos exemplares ter vendido até ao fim da guerra, foi a par de *Arte Urbana Orgânica*, das obras mais divulgadas nos anos cinquenta na Alemanha.

Em grande escala, o conceito de bolsas construídas no verde, foi amplamente explorado no período do Nacional-Socialismo. O número ideal de habitantes para cada uma destas unidades urbanas variava entre os 3 500 e os 8 000 habitantes. As ideias chave eram o eixo urbano, a bolsa habitacional e a congregação. Para cada uma destas bolsas urbanas, construídas em geral em torno de cidades, a sede do partido nazi era a entidade central a partir da qual todo o bairro se organizava hierarquicamente. Este conceito de bairro continuou a ser edificado depois da guerra, se bem que para isso fosse necessário descolar a sua conotação nacional-socialista, substituindo a sede do partido nazi por uma escola. A conversão da estrutura administrativa destes bairros para a democracia, levou a que estes se aproximassem muito do conceito anglo-saxónico de “unidade de vizinhança”.

Para muitas das cidades planeadas no fim dos anos quarenta na Alemanha, as medidas para favorecer o tráfego individual automóvel, foram muitas vezes o princípio base. Os planos de Bernhard Reichow para Sennestadt, entre outros, lembram o plano piloto de Brasília, que viria a ser concretizado anos mais tarde. Era proposto que o Homem novo pudesse ser livre, autónomo e dinâmico. Em analogia a uma planta, as vias de circulação estariam para os veios de uma folha e os bairros para o preenchimento desta. A mobilidade de uma cidade definiria a sua sobrevivência enquanto sistema de funcionamento, como o sangue corre nas artérias com velocidade. A cidade moderna deveria ser uma cidade-automóvel, projectada em função da escala humana. Porém em Berlim as auto-estradas urbanas construídas

¹⁹ Hubert Hoffmann, Johannes Göderitz. Die gegliederte und aufgelockerte Stadt.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Hans Bernhard Reichow. Esquema para uma vizinhança em bolsas ligadas. In: Organische Stadtbaukunst. Braunschweig, 1948.

até aos anos setenta, foram revelando quão potencialmente nocivos poderiam ser os nós e lanços desta infra-estrutura. A “renovação funcional e orgânica das cidades bombardeadas” por vias de alta velocidade, revelou ser potencialmente destrutivo ao consumir grandes superfícies para a sua construção.

Agora com a guerra terminada, mas sem todos os conflitos políticos resolvidos, a defesa aérea era uma justificação forte para a edificação das urbanizações modernas. Ninguém na Alemanha e muito menos os arquitectos sobre os quais caía esta responsabilidade, podiam esquecer as tempestades de fogo que devastaram a maioria das grandes cidades em guerra. Em caso de uma nova guerra, esperar-se-ia uma outra eficácia no não alastramento do fogo, o que não aconteceu na cidade antiga de quarteirões compactos. A melhor defesa aérea estaria assente na urbanização aberta com grandes espaços intersticiais.

Perante reflexões e projectos do pós-guerra, na Alemanha Ocidental a reconstrução foi geralmente levada a cabo no equilíbrio entre o novo e a tradição. Na reconstrução do centro destas cidades germânicas, foi por último recusada a reconstrução radical “tábua rasa” do Movimento Moderno, mas também a reconstrução radical retro-historicista do edificado antigo. O futuro deveria ser representado, mas a tradição respeitada. “Nós queremos olhar com veneração para o grande passado, mas criar o novo no espírito do nosso tempo” (Beyme, 1991)²⁰.

Porém em cidades como Frankfurt am Main, Düsseldorf ou Estugarda, as largas avenidas rodoviárias rasgadas, não se foram revelando tão vanguardistas, mas sim mais destrutivas. Para compensar, as autoridades e arquitectos transformaram várias ruas comerciais em zonas pedonais. Nas traseiras da entrada das lojas, eram em geral construídas ruas secundárias para dar acesso a cargas e descargas de bens de consumo. Os primeiros paraísos pedonais a serem construídos na Alemanha Ocidental, foi a *Holstenstraße* em Kiel e a *Treppenstraße* em Kassel. Para a RDA, citam-se dois exemplos claros de ruas pedonais: a Prager-Straße em Dresden e a Karl-Marx-Straße em Magdeburg.

O modelo para todas estas ruas pedonais edificadas nas duas Alemanhas, foi a *Lijnbaan* em Roterdão (1949-55). Esta rua foi também projectada como reconstrução do pós-guerra e consistia numa rua flanqueada por pavilhões comerciais de dois a três pisos, atravessada dos passagens pedonais aéreas que estabeleciam a ligação da rua com a lojas e com os blocos habitacionais que estavam para lá dos pavilhões. Em nenhum lugar da Alemanha foi encontrada uma solução tão elegante, sistemática e aberta. Por volta de 1975 já deveriam existir cerca de 500 ruas pedonais nos dois

²⁰ Walter Kolb. No Espírito do nosso Tempo. In. Frankfurter Neue Presse, 31.5.1952.

lados do Muro.

A Carta de Atenas trouxe uma incontornável herança ao Movimento Moderno, mas foi-se tornando claro que a divisão rígida das funções urbanas não era o mais benéfico para a felicidade dos seus habitantes. Algo que nos anos cinquenta já não era uma grande surpresa relativamente à Carta de Atenas, era o conceito da rede de vias dando acesso às funções de trabalho, habitação e tempo livre. Com efeito, mesmo que não tivesse existido o manifesto da Carta de Atenas, as cidades ter-se-iam mudado na mesma devido à cultura automóvel e de mobilidade individual que imergiu nesta década. À semelhança do que se passava nos países capitalistas, o centro das cidades da Alemanha Ocidental, foi sendo ocupado progressivamente por empresas comerciais e administrativas e os preços do solo tornaram-se cada vez mais caros. Na RDA, o controlo estatal do solo e o mercado imobiliário não jogava qualquer papel. Assim foi possível edificar grandes complexos residenciais no centro das cidades, se bem que por outros factores que no ocidente, também na RDA deu-se uma erosão da cidade antiga.

Dado então que os arquitectos da Alemanha-Ocidental pretendiam reconstruir no pressuposto entre a modernidade e a tradição, a imagem do espaço público era o primeiro domínio a intervir: a imagem da cidade antiga, os percursos sinuosos, as passagens e arcadas. Karl Meitinger empreendeu estudos para a reconstrução da cidade de Munique, estudando o ponto de vista do peão relativamente ao espaço urbano. O mito de que nas cidades ocidentais os edifícios semi-destruídos foram todos recuperados, não correspondeu à realidade. Muitas das fachadas em ruína subsistentes no fim da guerra, não foram poupadas às demolições.

A arquitectura do Movimento Moderno foi trazida pelas empresas, bancos e centros comerciais que jogavam com um grande capital, e absorveram grandes quantidades de solo no centro das cidades alemãs ocidentais. Por vezes absorveram tantas pequenas parcelas, que chegaram a ocupar um ou dois quarteirões inteiros. Este processo também contribuiu para a destruição de muitas das fachadas históricas que se poderiam ter recuperado no pós guerra. Se por um lado as grandes companhias capitalistas preservaram a massividade dos quarteirões da cidade antiga, por outro destruíram muita da antiga caracterização urbana. Em alguns casos por trás de uma correnteza de fachadas as grandes galerias comerciais construíam um único edifício com a aparência de vários.

Em Munique a circular *Ring* em torno da cidade antiga estabeleceu uma barreira, que impediu a proliferação nociva do tráfego automóvel, e que delimitou um perímetro histórico da cidade. Muitas das ruas foram transformadas em áreas pedonais e a construção de galerias comerciais procurou preservar muitas das fachadas históricas

da *Kaufingerstraße*, rua que termina na *Marienplatz*, praça da câmara municipal.

Por outro lado em Hannover, as massas compactas dos antigos quarteirões foram mantidas após a reconstrução, mas a sua caracterização desapareceu quase totalmente. Foi aqui escolhido substituir a quase totalidade dos edifícios por linguagem estética do Movimento Moderno. Em muitas ruas passaram a proliferar fachadas de betão com janelas corridas, e grandes fachadas envidraçadas para o caso das lojas. No que toca ao edificado imediatamente exterior ao *Ring* de Hannover, onde não havia o compromisso de seguir a massividade do quarteirão antigo, foram construídos numerosos blocos administrativos inundados de verde entre si. O caso mais concreto trata-se pois da *Lavesallee*, para o qual os nacional-socialistas projectaram um fórum ao nazismo. Em alternativa, no regime de democracia que se prolonga até hoje, foram edificadas vários ministérios e museus ao longo da *Lavesallee*, dispostos sem rigidez entre um verde urbano predominante. Se dentro dos *Ring* urbanos a massividade da cidade antiga tentou ser preservada, por outro a construção de blocos sobre um plano verde livre como na Carta de Atenas, pode ser praticada imediatamente fora do *Ring* de Hannover.

Em suma, os anos da reconstrução foram marcados, tanto na RDA como na RFA por um intenso debate em torno da reconstrução do património monumental destruído. Enquanto os arquitectos, tanto no Leste como no Ocidente, se pronunciavam contra uma reconstrução fiel aos originais e a favor de intervenções em que as estruturas posteriores fossem reconhecíveis, eram porém as soluções nostálgicas que tinham maior popularidade e que foram sendo concretizadas em diversos locais. Não se pode afirmar que tenha havido uma política unificada de reconstrução, nem no Leste nem no Ocidente; a eliminação total de construções simbólicas, de conotações históricas negativas e grandemente danificadas pela guerra – como os palácios de Berlim, Potsdam ou Braunschweig – conviveu lado a lado com a reconstrução de edifícios totalmente em ruínas, como o *Zwinger* de Dresden ou a Casa de Goethe em Frankfurt am Main. Uma tematização de destruição em edifícios reerguidos, defendida por alguns arquitectos, raramente resultou de forma tão convincente como na *Alte Pinakothek* de Munique

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Gerhard Graubner. Edifício de administração da *Preussag* (actual edifício do Ministério da Ciência e da Cultura da Baixa-Saxónia), Hannover, 1952-1953.